

Braz Teixeira estuda o mito na filosofia luso-brasileira contemporânea

Arsênio Eduardo Corrêa

A contribuição à cultura de Antonio Braz Teixeira é reconhecida por todos aqueles que tiveram o prazer de ler seus escritos e ouvir suas palestras. Recomendo a leitura deste livro de que agora dou uma breve notícia. Considero que a forma de tratar a questão torna a leitura agradável e proveitosa, mesmo sendo, a princípio, um tema controvertido.

A referência textual é a seguinte: A TEORIA DO MITO NA FILOSOFIA LUSO-BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA. Lisboa, Zéfiro – Edições e Actividades Culturais, Lda. 2014 – 164pg.

O livro do Professor Braz Teixeira trata de um assunto de interesse geral e de extrema atualidade pois perpassa toda a cultura. Dividido em 20 capítulos incluindo-se a Introdução. Podemos tomar conhecimento do que pensaram grandes autores luso-brasileiros. Tendo em vista que o livro apresenta os pensamentos de forma didática, procuramos seguir a ordem estabelecida por Braz Teixeira.

Inicia por definir onde começa a compreensão do mito, quando diz: “Como é geralmente reconhecido, é no historicismo de Vico (1668-1744) e no idealismo de Schelling (1775-1854) que entronda o moderno interesse especulativo pela compreensão da natureza e da especificidade do mito que o pensamento contemporâneo iria prolongar.”.

Antes de adentrar no exame dos escritos daqueles que trataram do mito, Braz Teixeira, menciona outros como Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846) que “...,entendia a mitologia como relato sobre a origem do mundo e dos deuses, distinguindo nela três espécies distintas, que designava por metafísica, física e astronômica.”. Sobre Amorim Viana (1822-1901), diz: “..., para Amorim Viana, o mito caracterizar-se-ia, por um lado, por uma certa necessidade na sua formação e, por outro, por aqueles que o produzem ignorarem o seu caráter mítico.”. Braz Teixeira menciona ainda, Cunha Seixas (1836-1895), que inclui o estudo da mitologia na filosofia das religiões.

No Capítulo 2, temos: Religião, Símbolo e Mito no Pensamento de Teófilo Braga. Primeiro, faz um resumo fundamentado do histórico desse pensador português, para situar seu pensamento e podermos entender onde este coloca a problemática do mito. Assim, sendo, Teófilo Braga, considerado o fundador do positivismo português, mesmo divergindo do encaminhamento dado por Comte, no que tange a fundação da Religião da Humanidade, utiliza os critérios do positivismo para classificar a evolução humana quanto a religião. Diz Teixeira: “Seria este processo evolutivo histórico, que é próprio de todas as religiões, que permite compreender que, quando, como acontece com o cristianismo, logram alcançar uma sistematização teológica, venham a ser constituídas por três elementos essenciais, surgidos em momentos diversos: uma originária parte mítica, um elemento cultural, que garante a sua conservação, e uma mais tardia dimensão doutrinária que é o factor da sua transformação.” Verifica-se que o raciocínio é dos três estados de Comte, adaptado.

Os dois primeiros estágios representam uma simbólica irreflectida, sendo a última reflectida. Nos traz ainda, nosso professor que: “Na visão teofilina, a fácil propagação do Cristianismo entre as camadas populares e a sua persistência ao longo dos séculos, mais do que às construções teológicas ou dogmáticas, dever-se-ia à circunstância de ter vindo revivificar velhos mitos, sincretizando-os e atribuindo-lhes um novo sentido moral.”. Sobre Teófilo nos esclarece que em sua obra a noção de mito não se circunscreve ao plano religioso, vindo abranger as lendas e outras tradições culturais portuguesas.

No Capítulo 3, temos: Mito e Religião em Oliveira Martins (1845-1894). Para Braz Teixeira este pensador português em muitos aspectos tem concepção próxima aquela esposada por Teófilo Braga.

No final do texto sobre Oliveira Martins, Braz Teixeira afirma: “Se não se pode negar o papel pioneiro que, juntamente com Teófilo Braga, Oliveira Martins desempenhou, entre nós, no estudo da simbólica e dos mitos religiosos, não se pode, igualmente, deixar de lamentar que, pelos acanhados e preconceituosos pressupostos teóricos de que ambos partiram, pela sua visão entre histórico-sociológica e etnológica, pelos evidentes intuítos militantes que os determinaram, não hajam logrado surpreender a essência do fenómeno religioso e o mais fundo sentido do mito nem alcançado o nível interrogativo próprio da razão especulativa, a que, na mesma época, por diversos e complementares caminhos, se elevaram pensadores como Amorim Viana, Rodrigues de Brito, Cunha Seixas e Antero.”. conclusão pertinente para que possamos entender a origem do pensamento dos autores mencionados.

No Capítulo 4, temos: Mito e Religião em Aarão de Lacerda, também numa linha doutrinária próxima de Teófilo Braga e Oliveira Martins. Braz Teixeira esclarece: “Acolhendo a idéia da existência de um pensamento pré-lógico nos homens primitivos, o autor de O fenómeno religioso e a simbólica(1924) via os mitos como algo próprio das idades dominadas pelo naturalismo e pelo animismo e entendia que os mitos se formavam de modo quase inconsciente, derivando da faculdade imaginativa e do hábito de personificar ou humanizar certos seres naturais e determinados fenómenos da natureza, que levaria o homem a achar uma etiologia do mundo, capaz de satisfazer a sua curiosidade rudimentar e a sua incipiente observação.”.

Braz Teixeira didaticamente transmite conhecimento e seus registros indicam como podemos conhecer melhor os autores analisados, pois menciona outros textos para leitura complementar.

No Capítulo 5, temos: Mito e Rito em Teixeira Rego Também na linha de Teófilo e Oliveira Martins, “se inscreve também o entendimento do mito proposto por José Teixeira Rego(1881-1934), nos seus estudos de história e filosofia da religião, em especial na Nova teoria do sacrificio (1918).” . Conforme mencionei anteriormente Braz Teixeira, indica como podemos ampliar nossos conhecimentos sobre o autor comentado.

Braz Teixeira, explica: “Embora haja advertido que a questão do mito fora “um simples acidente” no seu trabalho, não deixam de nele se acharem delineados os traços gerais de uma teoria do mito, superior às apresentadas por aqueles dois

escritores oitocentistas e que, em certos aspectos, como que anuncia a mitosofia de Eudoro de Souza.”.

Seguindo em seu texto nos diz Teixeira: “Fundava o professor da Faculdade de Letras do Porto este seu entendimento na idéia de que o espírito humano, seja o dos primeiros homens seja o do homem actual, não logra sair nunca da “esfera das sensações”, do mesmo passo que pensava ser o homem sempre produto do meio em que vive, do qual recebe tanto as suas idéias como os seus costumes, pelo que, quando fantasia, nada verdadeiramente cria de novo, limitando-se a modificar, a remanejar, a inverter ou intercalar algo no saber ou no conhecimento que o meio lhe proporciona.”.

No Capítulo 6, temos: Mito e Religião em Agostinho da Silva (1906-1994); este, por sua vez, foi aluno de Teixeira Rego na primeira Faculdade de Letras do Porto, tributou a seu mestre, no que tange ao mito, significativa atenção entre este e a religião.

Para o filósofo luso-brasileiro, as religiões primitivas se revestiam de uma totalidade.

No Capítulo 7, temos: Sagrado, Mito e Símbolo em Almada Negreiros(1893-1970). Braz Teixeira, diz: “A reflexão de Almada sobre o sagrado, o mito e o símbolo desenvolve-se a partir de uma perspectiva antropológica, que, no entanto, não recusa, antes expressamente admite e exige, a existência de Deus e processa-se através de um pensamento segundo o qual a essencial unidade ontológica, fundada na comum origem divina do mundo e do homem, torna necessariamente complementares e complicados conceitos aparentemente opostos, como os de uno e múltiplo, sagrado e sensível, matéria e espírito, mito e logos.”.

No final do capítulo, Braz Teixeira conclui: “Deste modo, se, por um lado, não há mito sem logos, por outro mito e símbolo apresentam-se como vias de acesso e revelação da verdade humana e daquele sagrado essencial que é a outra face do espírito invisível que só o sensível torna patente.”.

No Capítulo 8, temos: A Teoria do Mito em José Marinho. Autor de “Nova Interpretação do Sebastianismo”, dá uma nova interpretação ao fato, não reconhecendo o carácter mítico como o fazem outros autores portugueses. Braz Teixeira analisa o pensamento de José Marinho, no que tange a diferença entre o mito e a lenda, diz: “Adverte, desde logo, o filósofo portuense que o mito precede e garante a lenda, a qual, tendo a sua origem em mitos primordiais, constitui sempre uma forma transiente do carácter originário do mito, que, no entanto, por ser aderente ao mito, não deixa de ser, de algum modo, “a sobrevivência de uma visão originária do homem na sua relação com o transcendente ou com o imanente mais remoto”, assinalando, de uma forma concreta, de índole religiosa, ética ou estética, a subsistência ou a persistência de um passado prodigioso ou milagroso.”.

No Capítulo 9, temos: A Mitologia de Eudoro de Sousa(1911-1987). Intelectual anti-positivista, menciona Braz Teixeira: “...considerava o positivismo comteano, e em especial a “lei dos três estados”, um entrave ao exercício responsável da actividade especulativa e à reflexão séria e livre sobre “o que mais importa”.

Faz o autor a distinção entre símbolo e mito, nas palavras de Braz Teixeira: “O mito era , no pensamento eudoro, uma das expressões do mítico, o qual constituía a linguagem dos mistérios.”.

Eudoro de Sousa foi professor da Universidade de Brasília, mantendo fecundo diálogo com Agostinho da Silva, Vicente Ferreira da Silva e Vilém Flusser, além dos que manteve em Lisboa com Álvaro Ribeiro, António José Brandão, Delfim Santos e José Marinho.

No Capítulo 10, temos: A Filosofia da Mitologia de Vicente Ferreira da Silva (1916-1963), sobre o qual é feita uma síntese biográfica.

Sobre este autor, Braz Teixeira deixa claro sua divergência, senão vejamos: “Pensava, no entanto, o malgrado pensador, que não só a missão fundamental da civilização cristã ocidental se achava já inteiramente cumprida no plano histórico, com o conseqüente esgotamento do humanismo que a definia, como que havia já prenúncios e sinais de uma nova cultura ou de uma nova Idade, cujo nascimento apenas poderia provir de uma ilimitada receptividade a acções ou desempenhos ditados ou sugeridos pelo gravitar divino.”. Mais uma vez o escrito de Braz Teixeira torna-se relevante, pois não é uma narrativa e sim, uma análise, profunda e que ele não deixa de colocar o pensa.

No Capítulo 11, temos: Mito e Palavra Poética em Milton Vargas(1914-2011), que tem afinidades com Eudoro de Sousa, Vicente Ferreira da Silva e Adolpho Crippa.

Braz Teixeira, na conclusão, faz uma síntese do pensamento de Milton Vargas, a saber: “Entendia o pensador paulista que, no pensamento mítico, diversamente do que acontece no pensamento lógico, em vez da relação sujeito-objecto, ocorrem várias subjectividades, entre as quais se cria ou estabelece uma relação de compreensão, pois nele o homem não se separa do mundo nem da natureza mas faz parte de ambos. Desta forma de pensamento algo subsistiria na arte e, de modo especial, na poesia, em que há, não descrição, classificação ou conhecimento de objectos, mas desvelamento, visão, compreensão de algo que é o mundo, realizado por meio da linguagem e dos símbolos que, por via do inconsciente, nos liga à totalidade do cosmos, sem, contudo, se separar da imaginação do artista ou do poeta.”.

No Capítulo 12, temos: A Idéia de Mito em Renato Cirell Czerna(1922-2005). Pensador paulista não se distancia da escola paulista, conforme nos diz Braz Teixeira, para quem a mitologia é “algo de essencialmente simbólico, que indica mas não traduz as realidades às quais se refere”.

O mito é para ele “...a primeira tentativa de explicação do universo através do espírito realizada pelo homem, que revista o carácter de símbolo de uma realidade superior, de algo transcendente e absoluto, que se encontra por detrás da aparência, a condiciona e nela está presente.”. Segundo Braz Teixeira, aqui está o ponto de contato entre a mitologia e filosofia no pensamento do autor.

No Capítulo 13, temos: A Filosofia do Mito de Adolpho Crippa (1929-2000). Para o filósofo paulista, a consciência mítica faz parte da estrutura fundamental do espírito. Crippa, autor de Mito e cultura, deixou um legado importante no estudo do tema, tendo propiciado o entendimento entre o mito e a cultura, entre tantas contribuições

de seus escritos, menciona, Braz Teixeira: “Aspecto importante da filosofia do mito desenvolvida por Adolpho Crippa é o referente ao modo de entender o tempo e o espaço míticos, indelével do vínculo essencial entre mito e sagrado.”.

No Capítulo 14, temos: Sagrado e Mito em Gilberto de Mello Kujawski (1929). Kujawski “... atribui decisiva importância às contribuições de Miercea Eliade e de C.G. Jung para a compreensão da radical e principal especificidade do sagrado e do mito.”.

Como nos mostra Braz Teixeira, “....., na senda de Eliade, haviam assinalado, o rito configura-se como o próprio mito em acto ou em acção, pois, na repetição ritual do acto ou em acção, pois, na repetição ritual do acto cosmogónico primordial da criação do mundo, o presente histórico vem a ser absorvido pelo tempo mítico, o agora (nunc) é assimilado pelo tempo da origem (illo tempore), pelo outrora de que falara Eudoro de Sousa.”. De Jung é acolhido a noção de arquétipo.

No Capítulo 15, temos: Religião, Sagrado e Mito em Vilém Flusser (1920-1991). Autor de Língua e Realidade, atribui a linguagem, a forma de conhecermos a realidade e a verdade que são meros aspectos da língua.

Não há uma sistematização do mito, em Flusser, mas Braz Teixeira, nos diz: “...., os mitos tem conteúdo sacro e são manifestações imediatas e primárias da sociedade e ponto de partida da História e, constituindo as estruturas primárias do comportamento, são, igualmente, a máxima expressão da língua.”. Flusser atribui ao símbolo, a representação das coisas concretas do mundo.

Em conclusão, Braz Teixeira afirma: “Deste modo, ao definir o mito como “exegese do símbolo”, Flusser atribuía àquele uma dimensão hermenêutica, vendo nele uma via para compreender o que, no símbolo, se significa ou o seu sentido significante, ligando, assim, o mito ao seu conceito tradicional e primeiro de relato ou dizer da origem dos deuses e do mundo ou do mistério ontológico.”.

No Capítulo 16, temos: O Sagrado e o Mito em Vergílio Ferreira(1916-1996). Esclarece Braz Teixeira: “No pensamento português contemporâneo, a reflexão em torno do mito e do sagrado tem ocupado lugar de assinalável relevo, não sendo, por isso, de estranhar que, na obra do autor de Invocação ao meu Corpo, um e outro tema, intrínseca e substantivamente relacionados, compareçam também, embora a posição que acerca deles assumiu se diferencie, com nitidez, da restante teorização produzida em Portugal no último meio século.”.

Para situar o pensamento deste autor, Braz Teixeira diz: “Pensava o autor, de Alegria Breve, numa posição que claramente o aproximava de Raul Brandão e de Sant’Anna Dionísio, que “todas as coisas têm em si um halo de mistério, mesmo as mais positivas, crassas e materiais, como uma pedra”, pelo que todo o real é, a um tempo, físico e metafísico, há uma transcendência na imanência, uma realidade para além da realidade, sendo esse irreal do real o limite dos possíveis e a única verdadeira realidade.”.

No Capítulo 17, temos: A Teoria do Mito em António Quadros(1923-1993). Acolheu António Quadros as lições da geração anterior, de José Marinho e de Eudoro de Sousa.

António Quadros tratou do mito, pela primeira vez, de forma reflexiva. Tomando por base os trabalhos de Mircea Eliade e de Carl Gustav Jung, sem abandonar outros como Ernest Cassirer e Roger Caillois, nos diz Braz Teixeira: “..., o mito, na sua essência, deveria ser entendido ou interpretado como uma história sobrenatural e maravilhosa, exemplar e simbólica, depositada na psique individual ou colectiva, que, tendo em conta a conduta ou os actos dos respectivos protagonistas e o sentido que assume o seu enredo, dá testemunho de uma antiqüíssima experiência e sabedoria humanas, mais profundas do que a proporcionada pela imagem científica moderna.”.

António Quadros inclui em contraposição ao mito a utopia e a ucronia, entre a saudade e a angustia.

No Capítulo 18, temos: A Teoria do Mito em Afonso Botelho (1919-1996), onde Braz Teixeira diz: “Na obra especulativa de Afonso Botelho, o mito veio adquirindo crescente importância a partir do início dos anos 80, quer como objecto de atenta e recorrente reflexão teórica, quer como elemento decisivo da compreensão da mais íntima realidade espiritual da Pátria portuguesa, quer, ainda, como aspecto fundamental da sua longamente elaborada teorização da saudade.”.

Afonso Botelho recusa a visão jungiana, segue outros caminhos entre eles o de Dalila Pereira da Costa, que apresenta uma visão visionária e mística, mas que em muitos aspectos converge com o pensamento de Botelho.

Em conclusão, Braz Teixeira afirma: “O modo como Afonso Botelho conceptualiza o mito e interpreta os essenciais mitos portugueses confirma a sua asserção sobre a impossibilidade de distinguir, absolutamente, a consciência mítica da consciência reflexiva, por, apesar de serem diversas as perspectivas de uma e de outra, terem ambas o mesmo sentido estruturante do ser, unindo-se, assim, mitologia e metafísica na descoberta da essência que fundo todo o pensamento ontológico, do mesmo passo que permite compreender as profundas razões por que, no seu pensamento filosófico, a teoria do mito e a ontologia da saudade reciprocamente se exigem e mutuamente se completam.”.

No Capítulo 19, temos: O Conceito de Mito em Dalila Pereira da Costa (1918-2012). Não há na obra um tratamento sistemático sobre o mito, entretanto tem como referência Mircea Eliade e Karoly Kerényi.

Considerando que o mito é eterno e universal, variando formas, e como avalia Braz Teixeira: “Pensava Dalila Pereira da Costa ser decisivo que, através das diversas manifestações da mitologia própria de um povo, se verificasse a identidade de certos temas nucleares, porquanto seriam eles que, através dos tempos, e variando embora incessantemente nas suas manifestações, fariam que essa mitologia se conservasse sempre nova na sua perenidade ou na sua diversidade.”.

No Capítulo 20, temos: O Conceito de Mito em Urbano Zilles (1927). Entende o pensador brasileiro, que o mito é uma criação não consciente de uma comunidade, não sendo possível a criação de mitos individualmente.

Considerando que a criação do mito advém de algo que se situa entre a razão e a crença e se desenvolve entre o símbolo e o rito, isso torna inexplicável o mito.

Analisando o pensamento de Zilles, Braz Teixeira nos diz: “Entende ainda o professor de Porto Alegre que, na generalidade dos casos, a complexidade dos temas que no mito se contêm ou articulam se acha relacionada com o problema da representação, dado que ele, por um lado, vem a reflectir o ambiente ou a circunstância cósmica, social e religiosa em que surge ou se forma e, por outro, o seu estatuto epistemológico exige a interpretação dos pressupostos ou das condições da sua consideração crítica, bem como a adequada compreensão da estrutura da consciência mítica, através do estudo da sua função tanto na consciência como na cultura.”.

A resenha do livro do Professor Braz Teixeira seguiu o Índice, uma vez que o tema é complexo e somente a leitura do texto pode dar a dimensão desse trabalho. Considero oportuno e relevante a contribuição que ele traz, uma vez que devemos revisitar nossas origens para melhor programarmos nosso futuro. No Brasil, há muito que se pesquisar e discutir sobre os mitos, lendas e símbolos, mas lembrando nosso Luís da Câmara Cascudo, em seu livro *Geografia dos Mitos Brasileiros*, destaco seu relato sobre Tupã e Jurupari.

Cascudo, diz às pág. 57, “Quando os primeiros padres chegaram ao Brasil, tiveram o mais desmarcado campo de ação que catequistas haviam podido sonhar. Milhões de quilômetros povoados por centenas de milhares de homens. A tarefa inicial era identificar os objetos da adoração. Esses constituíam os inimigos à propagação da fé.”. Mais adiante diz: “Jurupari, o senhor do culto mais vasto, comum a todas as tribos, filho e embaixador do Sol, nascido de mulher sem contato masculino, reformador, de rito exigente e de precauções misteriosas, foi depressa identificado como sendo o Diabo.”. Após meio século o inimigo estava configurado, faltava achar-se o que Cascudo chama de aliado, ou seja, Deus divino, cheio de bondade e que faria frente ao Diabo. Elegeu-se Tupã, que no mesmo período de catequese, consagrou-se na divindade. Para comprovar suas pesquisas Cascudo menciona que o padre Manoel da Nóbrega, Anchieta, Aspilcueta Navarro, Abbeville, Thevet, d’Evreux compõe versos, peças dramáticas, hinos, em louvor de Tupã. Os indígenas já tinham suas crenças, por isso, o trabalho de catequese não criou mitos, mas, apenas direcionou-os para o sucesso da evangelização.

O trabalho de Braz Teixeira é de grande valia pois nos obriga revisarmos conceitos, uma vez que ele nos remete para analisarmos como os mitos, símbolos, lendas, se incorporam na cultura.